

A conversação na entrevista de perfil na mídia escrita: uma questão para o ensino

*Conversation in profile interview in written media: a
subject matter for education*

Ana Rosa Ferreira Dias *

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de
São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil*

Resumo: A entrevista de perfil é um evento conversacional frequente na mídia. No ensino, como objeto de estudo, vem favorecer o desenvolvimento de uma percepção crítica da interação verbal que ocorre na comunicação social. Neste artigo, procedemos à análise de uma entrevista publicada na Revista *Veja*, na seção Páginas Amarelas, em 20/10/2004, visando à discussão das estratégias textuais-discursivas de produção do gênero. Preceitos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional darão suporte às reflexões.

Palavras-chave: Conversação. Entrevista. Interação verbal. Ensino, mídia escrita.

Abstract: Profile interviews are frequent conversational events in the media. In education, as an object of study, it fosters the development of a critical perception of verbal interactions occurring in social communication. In this article, we present the results of an analysis carried out with an interview published in the Yellow Pages section of *Veja Magazine*, on October 20th, 2004. Our goal is to examine the textual-discursive strategies

* Professora Titular do Departamento de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil, e Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na área de Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; anarosadias@uol.com.br

behind such genre rendering. Tents of Conversation Analysis and Interactional sociolinguistics will give support to the reflections proposed.

Keywords: Conversation. Interview. Verbal interaction. Education, written media.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A mídia escrita, seja por possuir o atrativo de nos deixar a par dos acontecimentos do cotidiano, informando e atualizando, seja por cumprir o papel de manifestação e formação de opinião, há muito vem sendo incorporada como matéria de estudo em diferentes níveis de ensino. A percepção de que o jornalismo tem de atender o cidadão em seu direito à informação faz a escola responsável por desenvolver abordagens críticas dos diversos gêneros que compõem a chamada esfera jornalística. Convencionalmente, notícia, reportagem e entrevista compõem o elenco dos gêneros ditos informativos; editorial, artigo, crônica, charge, cartas de leitor, entre outros, integram o grupo dos opinativos. Contudo, sabemos, agrupá-los sob tal dualidade de rubricas é uma maneira de, grosso modo, didatizar o discurso jornalístico em suas formas de produzir sentidos, de constituir e ordenar aquilo “a que chamamos, por algum resíduo de inocência imperdoável, de realidade. Ora, e o que é a realidade, senão (...) a composição de sentidos e de significados tal como ela pode acontecer nos termos da comunicação social?” (Bucci, 2003, p. 12). Ter acesso à mídia é uma forma de ter acesso ao discurso que constitui relatos e, com ele, os fatos (feitos linguagem).

Na comunicação social, os relatos de atualidade, ou jornalísticos, de modo geral, privilegiam o protagonismo oficial. Personagens da esfera política, cultural e econômica, nacionais ou internacionais, são pinçados em momentos avulsos e, alçados à condição de interlocutores, ganham destaque em entrevistas. A despeito da existência de uma pauta prévia, tem-se que o ato de entrevistar pressupõe “um movimento de querer saber” (Dines, 1986), uma curiosidade legítima que possibilita ao entrevistador contra- perguntar e estabelecer com o entrevistado uma empatia que informe tratar-se de uma audiência engajada.

Partindo do pressuposto de que a entrevista jornalística é um evento conversacional cujo turno do entrevistado deve estar sempre e primordialmente em andamento, propomo-nos a analisar as estratégias que possibilitam instaurar um fluxo contínuo de informação em entrevistas de perfil, ou seja, em entrevistas que tem por objetivo focar particularidades da biografia do entrevistado. Nesse sentido, a partir de preceitos da Análise da Conversação e da Sociolinguística

Interacional, analisaremos uma entrevista (ver anexo) publicada na Revista *Veja*, na seção Páginas Amarelas, em 20/10/2004, e resgataremos as cartas do leitor que a comentaram, com vistas a contribuir com a percepção crítica do gênero entrevista no ensino.

2 A ENTREVISTA JORNALÍSTICA: ALGUNS PARÂMETROS E CONSIDERAÇÕES

A entrevista é um dos tipos de interação verbal, ao lado dos debates, conversações familiares, aulas etc, e, como todas as práticas comunicativas, obedece a regras de procedimentos e possui esquemas para uma conduta ordenada. Segundo Fávero e Andrade (1999, p. 161):

A entrevista define-se por apresentar uma interação assimétrica (cf. Marcuschi, 1986), dado que o papel dos interlocutores (entrevistador e entrevistado) são distintos. Ao entrevistador cabe escolher o tópico discursivo e a direção da conversação: quando ou como interromper ou terminar (isto fica bem claro na entrevista jornalística), a distribuição dos turnos, o caráter contratual ou polêmico, entre outros. Por sua vez, o entrevistado pode conservar o turno por mais tempo, pois é a ele que se quer ouvir.

Na comunicação social, a entrevista é tida como um instrumento eficaz para a obtenção de respostas, apurar acontecimentos, obter depoimentos. Normalmente, as repostas são pré-pautadas por um questionário e a sociabilidade criada entre os parceiros de tal interação determinará os resultados obtidos. Segundo Medina (1986), se a entrevista for encarada como simples técnica, dirigida por um questionário rígido e realizada por um entrevistador que se atém a ideias preconcebidas, o resultado será frustrante para a audiência. Em contrapartida, se a entrevista for encarada como a possibilidade de realização de um diálogo, não impositivo, guiado por um real interesse de estabelecimento da interação social entre entrevistador e entrevistado, a identificação com a audiência ocorrerá.

Para Medina, o gênero entrevista comporta duas tendências – a da *espetacularização* e a da *compreensão (aprofundamento)* – contendo, cada uma, desdobramentos ou subgêneros que são decorrentes do desenvolvimento de estilos de abordagens e aproveitamentos da entrevista. Grosso modo, pertencem ao primeiro grupo as que estão preocupadas em focar *comportamentos*: traçar perfis de pessoas proeminentes com vistas a promover sensacionalismo, destacar atitudes

exóticas, apontar traços excêntricos, dar relevo a traços grotescos, priorizar focos etc. No segundo grupo, estão alocadas as entrevistas que visam a tratar *conceitos*: buscar informação e interpretação de especialistas do mundo científico, político, econômico, artístico etc., focar temas polêmicos, discutir ambiguidades e contradições, traçar perfis de pessoas com vistas a compreender valores e conceitos. Seja qual for a tendência em que as entrevistas estejam inscritas, é importante observar que parâmetros como *atualidade*, *universalidade*, *periodicidade* e *difusão* são determinações desse fazer jornalístico:

Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em *tocar o presente* (atualidade); por mais psicólogo que queira ser diante de um interlocutor confessional, ele terá de se ater a traços significativos para muitas outras pessoas que, na *comunicação anônima*, se identifiquem com o entrevistado (universalidade); por mais profundo que queira ser no tempo e no espaço, tal qual um artista ao pintar seu modelo, não poderá se desvincular do *timing* “24 horas ou menos” (periodicidade); e por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão colidir com a *legibilidade* da comunicação coletiva. (Medina, 1986, p. 19)

A capacidade de o entrevistador intuir o que a audiência deseja saber e orientar-se no sentido de atender a tal demanda como se fosse a dele próprio irá criar vínculos de identificação com o tema, com o entrevistado e com a audiência. A interação levada a efeito nesse contexto está a serviço da obtenção de informação, objetivo primeiro do gênero entrevista.

Em todo evento conversacional, o desenvolvimento do tópico, ou seja, do assunto sobre o qual irá se tratar, está na dependência do processo colaborativo que ocorrerá entre os interlocutores (Fávero, 2003). Na entrevista jornalística, principalmente se a entrevista for da vertente espetacularização, os entrevistados podem oferecer resistência, pois, de alguma forma, trata-se de tornar públicas informações que são privadas ou de acesso restrito. Além disso, não raro, impropriedades de sentido são apontadas por entrevistados que não se reconhecem no discurso que foi publicado e, sentindo-se lesados, vêem o jornalista como aquele que “costuma mudar o que ouve e escrever o que quer”. Na tentativa de contornar ocorrências como a descrita, alguns entrevistados condicionam a concessão da entrevista à possibilidade de ler o texto antes de sua publicação; outros abdicam da conversação face a face e só aceitam fazer a entrevista por escrito (o e-mail tem sido uma opção recorrente). De fato, nenhuma dessas ações irá assegurar a

“preservação” do dito, posto que, no veículo em que será publicado, aquela “fala” será um discurso dentro de outro discurso a compor uma nova enunciação.

Via de regra, as entrevistas realizadas com o objetivo de serem publicadas são gravadas e posteriormente transcritas. Contudo, de saída, restrições impostas pela natureza do veículo, tal como limitação de espaço para publicação, farão com que no processo de edição do texto haja uma redução do volume de material verbal produzido, e, com isso, alterações de conteúdo e modos de dizer.

Estudos sobre a oralidade e a escrita (Marcuschi, 2001) apontam que a passagem de uma modalidade para a outra, considerada como uma das possibilidades de *retextualização*, se dá por meio de operações textuais-discursivas executadas pelo jornalista quando este apaga, substitui, resume, agrupa, reordena, reescreve as informações, adequando o texto às finalidades de comunicação no contexto previsto. Souza (2007, p. 75-76), ao analisar a retextualização da entrevista do historiador Luiz Felipe de Alencastro, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 19/09/2005, observou que o índice de redução do material verbal produzido foi de 72,62%. Quanto às substituições lexicais realizadas, concluiu que essas atenderam a propósitos que ultrapassam a preocupação de adequação de norma e uso linguístico, visando à clareza, e apontam à manipulação da opinião de Alencastro (identificado na tabela por AL):

Transcrição	Retextualização
Anexo A	Anexo C
a) AL - (29-30) ... é um PT, que como toda política paulista é dividido por querelas...	a) AL - (51-2) Um PT, que, como toda política paulista é dominado por querelas...
b) AL - (95) Claro, eu acho importante eu, pessoalmente, lamento a saída do Tarso Genro...	b) AL - (46) Eu pessoalmente lamento a retirada do Tarso Genro.
c) AL - (98-99) e é isso que está no horizonte no fantasma do governo Lula e do PT	c) AL - (70-1) e é isso que está no horizonte de um fracasso do governo Lula e do PT.

Quadro 1. Souza, 2007, p. 92

A substituição de *dividido* por *dominado*; *saída* por *retirada*; e *fantasma* por *fracasso* é um deliberado viés da fala: ao substituir, atribuiu-se ao entrevistado a autoria de um dizer que não é dele e camufla outro enunciatador. Dupla manipulação: a do entrevistado e a do leitor, que tem a entrevista como um gênero informativo.

3 ENTREVISTA: UMA CONVERSAÇÃO PÚBLICA

Segundo classificação proposta por Medina (1986, p. 16), a entrevista que iremos examinar é do tipo espetacularização, definida como *Perfil da ironia “intelectualizada”*. Nesse gênero, extrai-se

da pessoa (em geral uma fonte do mundo artístico ou cultural, político ou científico) uma forma de condenação: suas ideias, sua contribuição são ironicamente contestadas. A seleção de frases, as contradições ocasionais, isoladas do contexto, e a adjetivação atribuída pelo entrevistador ao entrevistado acabam por transformar em monstro o mocinho original.

Em termos da superestrutura de relevância (van Dijk, 1992), o texto está composto por um título, seguido de parágrafo – *olho*; uma foto legendada com uma citação de fala da entrevistada, em discurso direto; uma retextualização da entrevista em forma de resumo comentado, a título de apresentação da entrevistada; nas páginas subsequentes, recorre-se ao destaque de mais duas citações de fala em discurso direto.



“BANDEIRANTE DESBRAVANTE”
É assim que se define a empresária paulistana Yara Baumgart. Ela brilha no mundo da beleza e gosta de esgrimir suas aptidões intelectuais

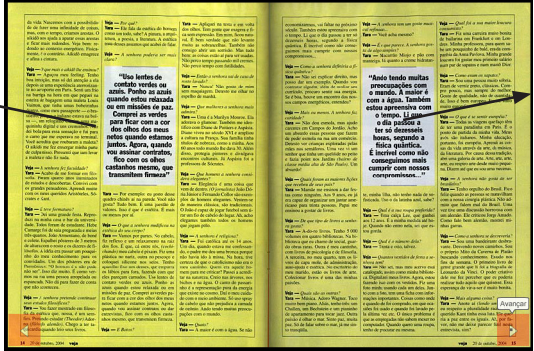
Juliana Linhares

“Acabo de me formar em filosofia. Convivi com os grandes pensadores. Aprendi muito com os meus queridos Aristóteles, Sócrates e Kant”

A empresária paulistana Yara Baumgart, de 56 anos, sai do sério quando alguém a chama de perua, já levou à Justiça o colunista José Simão, da Folha de S. Paulo, por ter lhe sapecado esse adjetivo um tantinho substantivado. Yara tem razão de ficar zangada. Depois de anos dedicados exclusivamente à vida em sociedade e à família (seu marido é o empresário Roberto Baumgart, fabricante de produtos químicos e dono de shopping centers), ela resolveu dar um basta na dondoquice. Usou a experiência adquirida como paciente de clínicas estéticas no exterior para abrir a Kyron, a maior clínica desse tipo no Brasil. Há alguns anos, Yara descobriu também que pode haver ideias debaixo da chapinha japonesa. Em julho, formou-se em filosofia. Yara gosta de citar grandes pensadores, diz que é fluente em cinco idiomas e conta que tem 5000 livros em casa. Fala sempre baixo e num tom monocórdio. Falar assim, explica, “é muito europeu”. Em seu escritório, em São Paulo, ela deu a seguinte entrevista a VEJA.

Figura 1

“Uso lentes de contato verdes ou azuis. Ponho as azuis quando estou relaxada ou em missões de paz. Comprei as verdes para ficar com a cor dos olhos dos meus netos quando estamos juntos. Agora, quando vou assinar contratos, fico com os olhos castanhos mesmo, que transmitem firmeza.”



“Ando tendo muitas preocupações com o mundo. A maior é com a água. Também estou apreensiva com o tempo. Li que o dia passou a ter só dezesseis horas, segundo a física quântica. É incrível como não conseguimos mais cumprir com nossos compromissos...”

Figura 2

O texto de apresentação adota uma linguagem coloquial, próxima à oralidade (fala) da linguagem cotidiana e produz o efeito de sentido de desqualificação da entrevistada (“sapecado”, “um tantinho”, “dar um basta na dondoquice”, “pode haver ideias debaixo da chapinha japonesa”), afinando-se à imagem de pseudointelectualidade que dela será construída durante a entrevista. O redator nos informa que Yara é formada em Filosofia e, em seguida, acrescenta que ela “gosta de citar grandes pensadores”. A opção pelo verbo “gostar”, no presente do indicativo, com valor de presente de hábito, indica certa frequência desse comportamento e, no contexto, sugere ser uma idiossincrasia da entrevistada, não valorizada socialmente, e própria de quem se vale desse expediente como símbolo de *status*. O uso do verbo de elocução “dizer” no discurso indireto “(...) diz que é fluente em cinco línguas”, reporta a fala da entrevistada com distanciamento e não assume a veracidade da informação.

O resumo está apoiado nas informações obtidas durante a entrevista. A informação de que “Há alguns anos, Yara descobriu que pode haver ideias debaixo da chapinha japonesa”, de evidente cunho jocoso, foi motivado pela informação sobre “o cabelo pixaim” na resposta da entrevistada à pergunta “O que a senhora modificou na estética do seu corpo?”.

Yara – Vamos por partes. No cabelo, fiz reflexo e um relaxamento na raiz dos fios. E que, cá entre nós, (*cochichando*) meu cabelo é pixaim. Fiz uma plástica no nariz, outra no pescoço e coloquei silicone nos seios. Tenho aparelho fixo nos dentes, que empurra os lábios para fora, fazendo com que eles pareçam carnudos. Uso lentes de contato verdes ou azuis. Ponho azul quando estou relaxada ou em missões de paz. Comprei as verdes para ficar com a cor dos olhos dos meus netos quando estamos juntos. Agora, quando vou assinar contratos ou dar entrevistas, fico com os olhos castanhos mesmo, que transmitem firmeza

Observamos na retextualização dessa resposta a marcação da entonação, um recurso supra segmental que caracteriza e indica relações pessoais e de conteúdo (Marcuschi, 1991). O “cochichando”, recurso de natureza linguística, sinaliza um conteúdo segredado, compartilhado entre interlocutores que estabelecem vínculo de intimidade. Ao pontuar que a entrevistada fala do cabelo pixaim cochichando, a entrevistadora ameaça-lhe a face, pois nos permite inferir a manifestação, talvez, de um preconceito. É desse turno, também, que é recordada a informação sobre o uso variado de lentes de contato, alçada a destaque na composição da estrutura de relevância.

Nos destaques são recuperadas as informações que possam causar maior impacto e apelo à leitura. As citações em discurso direto, escolhas pontuais da

edição, amplificam particularidades da fala da entrevistada e atendem ao objetivo argumentativo de criar a autenticidade necessária para dar credibilidade à matéria.

Tal como ocorre na retextualização da fala para a escrita, no processo de retextualização da entrevista escrita para o resumo, o jornalista também processa operações de apagamento, substituição, generalização, reordenação etc., podendo, por exemplo, separar duas respostas ou juntá-las em uma. Examinemos o destaque abaixo:

Ando tendo muitas preocupações com o mundo. A maior é com a água. Também estou apreensiva com o tempo. Li que o dia passou a ter só dezesseis horas, segundo a física quântica. É incrível como não conseguimos mais cumprir com nossos compromissos.

A fala em questão provém da junção de partes das respostas proferidas em dois turnos diferentes, por nós negritadas:

Veja – A senhora é religiosa?

Yara – Fui católica até os 14 anos. Um dia, quando estava me confessando, o padre me deu uma bronca porque não havia ido à missa. Na hora, tive certeza de que o catolicismo não era o meu caminho. Quem era aquele homem para me criticar? Passei a acreditar na natureza. Creio nas árvores, nos bichos e na água. O canto do passarinho é a representação pura da energia que existe no cosmo. Daí o meu cuidado com o meio ambiente. Só uso spray de cabelos que não prejudica a camada de ozônio. **Ando tendo muitas preocupações com o mundo.**

Veja – Quais?

Yara – **A maior é com a água. Se não economizarmos, vai faltar no próximo século. Também estou apreensiva com o tempo. Li que o dia passou a ter só dezesseis horas, segundo a física quântica. É incrível como não conseguimos mais cumprir com nossos compromissos...**

(grifos nossos)

O turno que propõe o tópico sobre religião é desenvolvido pela entrevistada por meio de uma preleção sobre crença, cuidado com o meio ambiente e preocupações com o mundo, afirmação que a jornalista, atenta, aproveita como gancho para formular a próxima questão. Nesse turno, a entrevistada, na tentativa de elaborar um discurso politicamente correto, produz um humor involuntário, quase pueril, e desconcerta o leitor ao reduzir e circunstanciar a sua contribuição com o meio ambiente ao uso de “spray de cabelo que não prejudica a camada ozônio”.

A alusão a física quântica, no turno da entrevistada, motiva a próxima pergunta da entrevistadora, numa franca tentativa de intimidá-la, conferir o (des)conhecimento e ameaçar-lhe a face:

Veja – Como a senhora definiria a física quântica?

Yara – Não sei explicar direito, mas posso dar um exemplo. Quando vou contratar alguém, além de avaliar seu currículo, procuro sentir sua energia. Se é boa, houve um encontro dos nossos campos energéticos, entendeu?

Veja – Mais ou menos. A senhora faz caridade?

O objetivo da entrevistadora com a pergunta fica evidente quando ela responde “mais ou menos” à entrevistada e muda de tópico. O “mais ou menos” é novamente uma ameaça à face da entrevistada, que não conseguiu ser clara.

Há outros vários momentos em que a entrevistada protagoniza situações de humor involuntário, colocando em risco a própria face:

Yara – (...) Aprendi coisas incríveis com o aikidô.

Veja – Que coisas?

Yara – A dar cambalhota, por exemplo. (...)

O avaliativo de intensidade “incrível” cria a expectativa de revelação de algo à altura, contudo, o que se segue é um singelo “dar cambalhotas” – faísca para a produção de um riso que também aponta para uma referência redutora de aprendizado da arte marcial espiritualizada.

A entrevista, quando publicada na imprensa escrita, mescla as duas modalidades da língua, posto que o evento que pertencia ao domínio tipicamente falado quanto ao meio (sonoro) e quanto à concepção (oral), passa ao domínio do meio gráfico (Marcuschi, 2001). O diálogo publicado passou pelo processo de retextualização e, embora não tenhamos acesso à transcrição, sabemos que ele não se deu ordenado da forma como foi apresentado. O tratamento dado à oralidade fez com que marcas da língua falada como hesitações, correções, repetições, truncamentos etc. fossem editadas. A interação assimétrica, típica do gênero, se deu de modo regrado por meio de perguntas e repostas, portanto, com passagens requeridas. Ora as respostas motivaram outras perguntas- o que aponta para uma entrevistadora envolvida, ágil e perspicaz; ora as respostas foram pré-pautadas, ou seja, a jornalista, por conta da pesquisa de pauta, já tinha conhecimento das respostas quando fazia as perguntas.

Na interlocução, propriamente dita, a forma de tratamento “senhora”, usada pela entrevistadora, marcou uma relação formal, de distanciamento, e

contrastou com o uso não-simétrico de “você”, pela entrevistada. A relação de desigualdade entre as participantes é uma questão de contexto e se assenta no papel interacional de entrevistador e entrevistada.

Embora a entrevistada seja apresentada como empresária do ramo de estética, não há nenhuma pergunta sobre seu empreendimento, o que condiz com o gênero entrevista de perfil que visa à espetacularização.

4 O PERCURSO DE UMA ENTREVISTA: CARTAS DE LEITOR

A entrevista com Yara Baumgart, além de ter sido o assunto mais comentado daquela edição, foi, à época, a entrevista que mais motivou comentários, na história da revista:



OS NÚMEROS	
Assuntos mais comentados	
▶ Yara Baumgart (Amarelas)	602
▶ Policia Federal (capa)	94
▶ Banditismo no Rio de Janeiro	33
▶ André Petry	26
▶ Lya Luft	23

Figura 3. Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>
Acesso em 04 ago. 2014

AS ENTREVISTAS DE VEJA	
A entrevista com Yara Baumgart, publicada há duas semanas, bateu o recorde de cartas, tornando-se as Páginas Amarelas mais comentadas pelos leitores na história da revista. A entrevista provocou 602 cartas.	
As entrevistas mais comentadas	
▶ Yara Baumgart (20 de outubro de 2004)	602
▶ Wanessa Camargo (26 de fevereiro de 2003)	550
▶ Maurício Corrêa (3 de setembro de 2003)	468
▶ Heloísa Helena (29 de janeiro de 2003)	408
▶ Luiz Roberto Londres (11 de setembro de 2002)	364
▶ Adriane Galisteu (8 de setembro de 1999)	354
▶ Narcisa Tamborindeguy (18 de novembro de 1998)	330
▶ Antônio Ermirio de Moraes (5 de novembro de 2003)	296
▶ Vera Loyola (5 de novembro de 1997)	251
▶ Flavio de Andrade (11 de junho de 2003)	241

Figura 4. <http://veja.abril.com.br/031104/cartas.html>

Acesso em 04 ago. 2014

Na semana seguinte à entrevista, edição 1877, de 27/10, das 602 cartas que a comentavam, quinze foram publicadas na Seção Cartas. Em sua quase totalidade, os leitores missivistas fizeram comentários irônicos, repercutindo efeitos jocosos. A título de exemplo, segue as seis primeiras publicadas:

Confesso que fiquei absolutamente fascinada com a entrevista desta semana. Que profundidade! Que abrangência! Que consistência! Finalmente VEJA resolveu dar espaço aos nossos intelectuais – em que pese a senhora em questão ser meio europeia.

[Heloisa Caiuby Coutinho](#)

São Paulo, SP

Ao ler a entrevista desta semana, cheguei à conclusão de que a verdadeira “Bandeirante desbravante” foi a repórter Juliana Linhares, que conseguiu realizar uma entrevista de três páginas mesmo sem ter assunto para explorar.

[RafaelAvad Ernand](#)

ernandi@hotmail.com

Confesso que adorei a entrevista. Fazia tempo que não lia nada tão divertido.

[Luiz Antonio da Rocha](#)

Rio de Janeiro, RJ

Assolou-me uma questão: peru que troca suas penas pelas de um beija-flor ainda é peru ou já virou beija-flor?

Ricardo Augusto Gomes da Silva

Curitiba, PR

As páginas amarelas ficarão brancas de susto e eu vermelho de raiva.

Edilson Luiz Viola

Por e-mail

Foi de torcer as vísceras e marejar os olhos de tanto rir.

Jackson Borges

Curitiba, PR

Nessa interlocução, a entrevistada ocupa a posição de terceira protagonista na cena humorística, ou seja, a de *alvo* (Charaudeau, 2006). O comportamento psicológico e social da entrevistada é contestado e as incoerências, na sua maneira de ser e de fazer, julgadas. As cartas selecionadas para publicação são reações, leituras possíveis da entrevista.

Como é norma da imprensa, os diretamente envolvidos tiveram espaço, na mesma seção, para que se manifestassem, contra argumentassem, protestassem. Cartas da família e da entrevistada foram publicadas na semana seguinte, na edição 1878, de 03/11, e, como poderemos ver, divergem entre si:

Na qualidade de filhos da senhora Baumgart, gostaríamos de nos manifestar em relação à entrevista publicada em VEJA, nas páginas amarelas, e, às cartas relativas à referida entrevista. A revista perdeu uma excelente oportunidade de mostrar uma senhora que é empresária, filha, esposa, mãe, avó extremamente consciente desses papéis, ligada a preocupações de ordem filosóficas (formada em psicologia da PUC/SP), artísticas e de responsabilidade social. Talvez isso tenha ocorrido por parte da inabilidade da entrevistadora de vossa revista, que pode, eventualmente, não ter conduzido adequadamente a entrevista, seja por preconceitos evidenciados nas próprias perguntas formuladas, seja por deduções errôneas sobre algumas respostas. Seria importante que vosso redator-chefe tivesse mais critérios na edição da matéria para que a mesma seguisse fielmente as intenções das cargas semânticas e ideológicas das palavras. Evidenciou-se a intenção de levar a entrevista para o lado jocoso: “Diz que é fluente em cinco idiomas...” Muitas coisas pertinentes que foram ditas por nossa mãe não foram selecionadas para publicação. Em nosso entender, essa espécie de jornalismo não é séria, além de não condizer com a imagem que tínhamos da revista. Aconselhamos aos redatores maior critério nesse sentido, para que não

aconteça com a revista VEJA o que aconteceu com a nossa mãe: ser ridicularizada sem razão objetiva para tanto.

“O meio é a mensagem”.

Marshall Mac Luhan

Nosso conforto é saber que as pessoas que têm o privilégio da convivência com a nossa mãe sabem que a entrevista não retratou sua realidade.

Cristina, Beatriz, Karin e Otto Baumgart

São Paulo, SP

Olá, Juliana. Acabei de receber a matéria. Gostei muito, sou eu. Volto no começo de novembro e quero almoçar com você para conversarmos. Beijos.

Yara Baumgart

Dubai, Emirados Árabes Unidos

Enquanto a carta da família questiona a entrevista, levantando hipóteses de inabilidade da jornalista para conduzir o diálogo e apontando impropriedades no processo de edição, a mensagem enviada pela entrevistada manifesta sua aprovação e põe definição ao embate.

Do ponto de vista interacional, está em questão a imagem (face) social da entrevistada, ameaçada em termos dos atributos sociais considerados positivos (Goffman, 2011). Em que pese os esforços da família para agir no sentido de proteger a imagem da entrevistada, o descompasso de valores é evidente. A entrevistada não defendeu sua face porque não a sentiu ameaçada quando leu a publicação, e, não a sentiu ameaçada porque a imagem do *eu* que se tornou pública foi coincidente com a autoimagem (“sou eu”). Ou, pelo menos, com a imagem que ela desejou construir e tornar pública.

Esse diálogo público na imprensa possui regras definidas e, ainda que específico, assemelha-se a outros eventos conversacionais: segue o princípio de alternância de turnos, em que cada um fala (escreve) na sua vez (ou edição), cabendo ao veículo, enquanto instância enunciativa, o poder de mediar, conceder, regular o revezamento da alternância e dar fim a ela; a sucessão de turnos ocorre obedecendo a intervalos (periodicidade semanal da publicação), e a interação verbal é centrada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas publicadas na mídia impressa, quando trazidas para ambientes pedagógicos, não podem correr o risco de esvaziamento da vitalidade de sentidos que a fazem ser um diálogo social.

A entrevista, um gênero de conversação, assim como artigos de opinião e editoriais, produz “realidades”, “educa” percepções. No modo de produção jornalística, o manuseio da informação é algo estrutural e obedece a princípios éticos e ideológicos que irão variar segundo a linha ou projeto do órgão de comunicação. Nesse sentido, a entrevista deve ser vista como estratégia de *obtenção* e de *tratamento* de informação que visa a atingir objetivos determinados. Transcrever e retextualizar são modos de tratamento de um dizer que é sempre uma reconstituição e, como tal, uma transformação enunciativa.

As estratégias textuais-discursivas de produção do gênero encenam uma interlocução disciplinada por uma escuta que se quer isenta, mediadora do interesse público. Para o estudo do funcionamento das interações verbais que se dão por meio da entrevista, deve-se considerar tanto o exame dos elementos organizacionais do texto conversacional, quanto as relações construídas entre os parceiros da interlocução.

REFERÊNCIAS

Bucci E. Jornalismo ordenador. In: Gomes MR. Poder no jornalismo. Introdução. São Paulo: Hacker Editores. Edusp; 2003.

Charaudeau P. Des catégories pour l'humour. Questions de communication. v.10. Nancy: Presse Universitaire de Nancy; 2006.

Dines A. O papel do jornal: uma releitura. 4. ed. amp. e atual. São Paulo: Summus; 1986.

Dijk TA. Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto; 1992.

Fávero LL. O tópico discursivo. In: Preti D (org.). Análise de textos orais. 6. ed. São Paulo: Humanitas/USP; 2003.

Fávero LL, Andrade MLCV. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: Preti D (org.). Estudos de língua falada: variações e confronto. 2. ed. São Paulo: Humanitas/USP; 1999.

Goffman E. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fábio Rodrigues da Silva. Petrópolis: Vozes; 1967/2011.

Linhares J. [Entrevista: Yara Baumgart]. Revista VEJA. 2004 out. 20; São Paulo, 20 out. 2004. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> > Acesso em: 10 jul. 2014.

Marcuschi LA. Análise da conversação. 2. ed. São Paulo: Ática; 1991.

Marcuschi LA. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez; 2001.

Medina C. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo: Ática; 1986.

Souza LCDB. As estratégias de retextualização da “Entrevista da 2ª” no jornal Folha de S. Paulo [dissertação]. São Paulo: PUC/SP; 2007.

ANEXO

BANDEIRANTE DESBRAVANTE

É assim que se define a empresária paulistana Yara Baumgart. Ela brilha no mundo da beleza e gosta de esgrimir suas aptidões intelectuais.

A empresária paulistana Yara Baumgart, 56 anos, sai do sério quando alguém a chama de perua. Já levou à Justiça o colonista José Simão, da Folha de S. Paulo, por ter-lhe sapecado esse adjetivo um tantinho substantivado. Yara tem razão de ficar zangada. Depois de anos dedicados exclusivamente à vida em sociedade e à família (seu marido é o empresário Roberto Baumgart, fabricante de produtos químicos e dono de shopping centers), ela resolveu dar um basta na dondoquice. Usou a experiência adquirida como paciente em clínicas estéticas no exterior para abrir a Kyron, a maior clínica desse tipo no Brasil. Há alguns anos, Yara descobriu também que pode haver ideias debaixo da chapinha japonesa. Em julho, formou-se em filosofia. Yara gosta de citar grandes pensadores, diz que é fluente em cinco idiomas e conta que tem 5000 livros em casa. Fala sempre baixo e num tom monocórdio. Falar assim, explica, “é muito europeu”. Em seu escritório, em São Paulo, ela deu a seguinte entrevista a VEJA.

Veja – Desde quando a senhora se dedica aos cuidados com beleza?

Yara – Desde muito pequena. Herdei essa característica de mamãe, que sempre foi vaidosa. Lembro que, quando eu era criança, ela ia a uma esteticista romena que lhe aplicava cremes de lanolina no corpo todo. Em casa, mamãe se sentava em frente a um espelho que tínhamos no banheiro e dava palmadinhas no rosto com uma almofadinha presa num arame, para ativar a circulação. Aos 7 anos, comecei a estudar balé. Mamãe vivia preocupada com as minhas pernas. Por isso, me levava para fazer massagem com terapeutas alemãs. Ela tinha medo de que eu ficasse com pernas de jogador de futebol.

Veja – Foi graças a sua mãe, então, que a senhora ganhou pernas de bailarina...

Yara – Fiz balé clássico até os 19 anos e ioga por mais dezessete. Sempre me preocupei mais com o corpo do que com o espírito. Agora, quero encontrar o caminho da verdade. Comecei a fazer aikidô. Um sensei me dá aula particular. Ele tem uma energia fortíssima. Para você ter uma ideia o sensei arremessa os alunos faixa preta ao chão com seus golpes. Depois, estende o braço e lhes mostra a palma da mão. É igual ao filme *O Último Samurai*. Aprendi coisas incríveis com o aikidô.

Veja – Que coisas?

Yara – A dar cambalhota, por exemplo. É mais ou menos a representação da vida. Nascermos com a possibilidade de fazer uma infinidade de coisas, mas, com o tempo, criamos arestas. O aikidô nos ajuda a aparar essas arestas e ficar mais redondos. Veja bem: redondo no contexto energético. Fisicamente, é o contrário. Aikidô emagrece e afina a cintura.

Veja – O que mais o aikidô lhe ensinou?

Yara – Aguçou meu feeling. Tenho boa intuição, mas só dei atenção a ela depois de uma experiência aterrorizante no aeroporto em Paris. Senti um frio na barriga na hora em que peguei na esteira de bagagem uma maleta Louis Vuitton, que tinha umas bobeirinhas dentro, como meu passaporte – o brasileiro, porque o italiano estava na bolsa –, um relóginho Cartier, uma maquininha digital e uns creminhos. Não dei bola para essa sensação e fui para o carro que me esperava no terminal. Você acredita que roubaram a maleta? O aikidô me fez enxergar minha parte de culpa nisso. Pressenti que iam levar a maleta e não fiz nada.

Veja – A senhora fez faculdade?

Yara – Acabo de me formar em filosofia. Foram quatro anos iluminados de estudos e descobertas. Convivi com os grandes pensadores. Aprendi muito com os meus queridos Aristóteles, Sócrates e Kant.

Veja – E teve formatura

Yara – Dei uma grande festa. Reproduzi na minha casa o bar da universidade. Todos foram de estudante. Hebe Camargo foi de saia pregueada e meias três-quartos. João

Armentano, de boné e de colete. Espalhei pôsteres de 3 metros de altura com o rosto e os dizeres de filósofos, A ideia era passar um pouquinho do meu conhecimento para os convidados. Um dos pôsteres era de Parmênides: “O homem é e não pode não ser”. Isso diz muito. É como vemos na rua uma pessoa atropelada ou espancada. Não dá para fazer de conta que não aconteceu.

Veja – A senhora pretende continuar seus estudos filosóficos?

Yara – Vou fazer mestrado em filosofia da estética que, nossa, é um sem-fim. Pretendo estudar (Theodor) Adorno (filósofo alemão). Chego a ter taquicardia quando leio seus livros.

Veja – Por quê?

Yara – Ele fala da estética do homem como um todo, sabe? A pintura, a arquitetura, a poesia, a literatura. A estética trata desses assuntos que acabei de falar.

Veja – A senhora poderia ser mais clara?

Yara – Por exemplo: eu gosto desse quadro chinês aí na parede. Você não gosta? Tudo bem. É uma questão de valores. Isso é que é estética. É mais ou menos por aí.

Veja – O que a senhora modificou na estética do seu corpo?

Yara – Vamos por partes. No cabelo, fiz reflexo e um relaxamento na raiz dos fios. É que, cá entre nós, (cochichando) meu cabelo é pixaim. Fiz uma plástica no nariz, outra no pescoço e coloquei silicone nos seios. Tenho aparelho fixo nos dentes, que empurra os lábios para fora, fazendo com que eles pareçam carnudos. Uso lentes de contato verdes ou azuis. Ponho as azuis quando estou relaxada ou em missões de paz. Comprei as verdes para ficar com a cor dos olhos dos meus netos quando estamos juntos. Agora, quando vou assinar contratos ou dar entrevistas, fico com os olhos castanhos mesmo, que transmitem firmeza

Veja – E botox?

Yara – Apliquei na testa e em volta dos olhos. Tem gente que exagera e fica sem expressão. Em mim, ficou natural. É bem verdade que não levanto minhas sobrancelhas. Também não consigo abrir um sorrisão. Mas tudo bem: as coisas estão aí para ser usadas. Não perco tempo passando mil cremes. Não perco tempo com futilidades.

Veja – Então a senhora sai de casa com rosto lavado?

Yara – Nunca! Não gosto de mim sem maquiagem. Detesto me olhar no espelho de manhã.

Veja – Que mulheres a senhora mais admira?

Yara – Uma é a Marilyn Monroe. Ela adorava o glamour. Também me identifico com Diane de Poitiers e Aspásia. Diane viveu no século XVI e ampliou a cultura na França. Sua família tinha títulos de nobreza, como a minha. Aos 60 anos todo mundo lhe dava 30. Além disso, protegia pintores e divulgava encontros culturais. Já Aspásia foi a professora de Sócrates.

Veja – Que homens a senhora considera elegantes?

Yara – Elegância é uma coisa que vem de dentro. (O jornalista) João Dória Júnior e Fernando Collor são exemplos de homens elegantes. Vestem-se de maneira clássica, são tradicionais. O João é capaz de jogar futebol sem tirar um fio de cabelo do lugar. Ah, acho elegantes também todos os homens que jogam pólo

Veja – A senhora é religiosa?

Yara – Fui católica até os 14 anos. Um dia, quando estava me confessando, o padre me deu uma bronca porque não havia ido à missa. Na hora, tive certeza de que o catolicismo não era o meu caminho. Quem era aquele homem para me criticar? Passei a acreditar na natureza. Creio nas árvores, nos bichos e na água. O canto do passarinho é a representação pura da energia que existe no cosmo. Daí o meu cuidado com o meio ambiente. Sá uso spray de cabelo que não prejudica a camada de ozônio. Ando tendo muitas preocupações com o mundo.

Veja – Quais?

Yara – A maior é com a água. Se não economizarmos vai faltar no próximo século. Também estou apreensiva com o tempo. Li que o dia passou a ter só 16 horas, segundo a física quântica. É incrível como não conseguimos mais cumprir com nossos compromissos

Veja – Como a senhora definiria física quântica?

Yara – Não sei explicar direito, mas posso dar um exemplo. Quando vou contratar alguém, além de avaliar seu currículo, procuro sentir sua energia. Se é boa, houve um encontro dos nossos campos energéticos, entendeu?

Veja – Mais ou menos. A senhora faz caridade?

Yara – Não dou esmola, mas ajuda carentes em Campos do Jordão. Acho um absurdo essas pessoas que fazem de pedir esmola na rua um comércio. Detesto ver crianças exploradas pelas mães nos semáforos. Uma vez vi um senhor que tinha um quelóide no peito e fazia point no Jardins (*bairro de classe média alta de São Paulo*). Um absurdo!

Veja – Quais foram as maiores lições que recebeu de seus pais?

Yara – Mamãe me ensinou a dar festas como ninguém. Aos nove anos, eu já era capaz de organizar um jantar americano para trinta pessoas. Papai me ensinou a gostar de livros.

Veja – De que livros a senhora gosta?

Yara – A-do-ro livros. Tenho 5000 volumes em quatro bibliotecas. Na biblioteca que eu chamo de social, guardo obras raras. Outra é meu cantinho, com livros de psicologia e de filosofia. A terceira, no meu quarto, tem os livros de capa mole, de administração, auto-ajuda e estética. No escritório do meu marido, estão os livros de arte. Coletar livros é uma das minhas paixões.

Veja – Quais são as outras?

Yara – Música. Adoro Wagner. Toco muito bem piano. Aliás, tenho três: um challen, um bechstein e um pianinho de apartamento para toca jazz. Outra paixão é olhar o mar. Sinto paz, muita paz. Só de falar sobre o mar, já me sinto tranquila.

Veja – A senhora tem um gosto musical refinado...

Yara – Você acha mesmo?

Veja – É o que parece. A senhora gosta de algo simples?

Yara – Macarrão Miojo e pão com manteiga. Já quanto a creme hidratante, minha filha, não tenho nada de sofisticada. Uso o da latinha azul, sabe?

Veja – Qual a sua roupa preferida?

Yara – uma calça Lee, que ganhei aos 12 anos. É a minha medida até hoje. Quando não entro nela, sei que estou gorda.

Veja – Qual é o número dela?

Yara – Trinta e oito, talvez.

Veja – Quantos vestidos de festa a senhora tem?

Yara – Não sei, mas meu acervo está catalogado, assim como minha biblioteca. Digitalizei meus livros. Agora, estou fazendo isso com os vestidos. Fiz uma foto minha usando cada um deles. Junto com a foto, tem uma ficha com informações importantes. Coisa como onde e quando ele foi comprado, em que ocasiões foi usado e quando foi lavado pela última vez etc. O único problema é que as empregadas não sabem mexer no computador. Quando quero uma roupa, tenho de procurar eu mesma.

Veja – Qual foi a sua maior loucura consumista?

Yara – Fiz uma carreira muito bonita de bailarina em Frankfurt e em Londres. Minha professora, para quem sabe um pouquinho de balé, era da companhia de Anna Pavlova. Minha grande loucura foi gastar meu primeiro salário num par de sapatos e num mantô Dior.

Veja – Como eram os sapatos?

Yara – Sou uma pessoa muito sóbria. Eram de verniz preto, clássicos. Compro pouco, mas sempre do melhor. Gosta de qualidade. Não de quantidade. Isso é bem europeu. Eu me sinto muito europeia.]

Veja – O que é se sentir europeia?

Yara – Todas as viagens que faço têm de ter uma paradinha em Paris. É o ponto de partida da minha vida. Meus avós são italianos. Minha educação, portanto, foi europeia. Aprendi as coisas da vida através da arte, da música, da literatura. Por causa dessa tradição, abri uma galeria de arte. Arte, arte, arte, arte, eu respiro arte desde muito pequena. Dizem até que eu sou uma mecenas.

Veja – A senhora não gosta de ser brasileira?

Yara – Tenho orgulho do Brasil. Fico feliz quando as pessoas se maravilham com a nossa cirurgia plástica. Não admito que falem mal do Brasil. Uma vez tive uma discussão horrorosa com um alemão. Ele criticou Jorge Amado. Como falo bem alemão, mostrei minhas garras.

Veja – Como a senhora se descreveria?

Yara – Sou uma bandeirante desbravante. Desvendo novos caminhos. Sou o próprio Mito da Caverna de Platão buscando conhecimento. Estudo nos fins de semana. O primeiro livro de gente grande que li foi a biografia de Leonardo da Vinci. O poder criativo dele me fez perceber que eu poderia realizar tudo que quisesse. Essa esperança do vir-a-ser é muito bonita.

Veja – Mais alguma coisa?

Yara – Anote aí (lendo um papel): eu respeito a pluralidade racial. Meu querido Kant tinha essa luta. Ele queria a paz entre os iguais. Ah, por favor, não me deixe parecer fútil nesta entrevista, sim?

Revista VEJA, seção Páginas Amarelas, 20/10/2004, edição 1876.
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>